SciELO Preprints

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Outros modos de comparar: Silviano Santiago e a Literatura Comparada brasileira

Anderson Bastos Martins, Cristiane Brasileiro, Marianna Ilgenfritz Daudt, Rachel Esteves Lima

https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260000

Submetido em: 2026-11-06
Postado em: 2026-11-06 (versão 1)
(AAAA-MM-DD)

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260000

10.1590/2596-304x202628e20260000

DOSSIÊ

Outros modos de comparar: Silviano Santiago e a Literatura Comparada brasileira

Other ways of comparing: Silviano Santiago and Brazilian Comparative Literature

Anderson Bastos Martins
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.
https://orcid.org/0000-0003-3120-9109
andersonbastos.martins@ufjf.br

Cristiane Brasileiro
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
https://orcid.org/0000-0003-1900-8750
Cristianebrasileiro.di@gmail.com

Marianna Ilgenfritz Daudt
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.
https://orcid.org/0000-0001-9485-2316
maridaudt@gmail.com

Rachel Esteves Lima
Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil.
https://orcid.org/0000-0003-4180-0947
rachellima@uol.com.br

EDITOR-CHEFE: Andrei dos Santos Cunha

EDITOR-EXECUTIVO: Anderson Bastos Martins

EDITORES ASSOCIADOS: Germana Henriques Pereira; Rachel Esteves Lima

Declaração de conflito de interesse:

Os autores declaram que não há conflito de interesse.

Declaração de disponibilidade de dados da pesquisa

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Declaração de uso de Inteligência Artificial:

A ferramenta de IA Claude Anthropic foi utilizada como auxílio para ordenar os textos do dossiê em quatro eixos, e o resultado está apresentado no parágrafo final desta apresentação.

Contribuição de autoria:

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260000

Anderson Bastos Martins: Administração do projeto; Curadoria de dados; Análise de dados; Supervisão.

Cristiane Brasileiro: Redação e revisão.

Marianna Ilgenfritz Daudt: Pesquisa e metodologia; Redação do manuscrito original.

Rachel Esteves Lima: Redação, revisão e edição.

RESUMO

Esta apresentação em formato de ensaio analisa a contribuição de Silviano Santiago para a Literatura Comparada brasileira, acompanhando os deslocamentos que sua crítica produz nos modos de estabelecer relações entre textos, tradições e culturas. Desde os ensaios dos anos 1970 até *Fisiologia da composição* e *Grafias de vida – a morte*, a crítica às noções de fonte, influência, cópia, dependência e precedência modifica a direção e os critérios pelos quais essas relações são organizadas. A retroação, o anacronismo criativo e periférico, a suplementariedade e a hospedagem permitem que o texto posterior ou periférico intervenha sobre aquilo que o precede, alterando as condições de sua leitura e retirando da anterioridade o privilégio de determinar sozinha o sentido e o valor da relação. Em diálogo com Eneida Maria de Souza, Sandra Nitrini e outros leitores de Santiago, o artigo aproxima essas questões da constituição e da transformação da Literatura Comparada no Brasil, com especial atenção à história da ABRALIC, à qual a trajetória de Santiago se encontra estreitamente ligada, desde sua participação nos primeiros anos da Associação até a presidência e a homenagem recebida em 2023 com o prêmio Tânia Franco Carvalhal.

PALAVRAS-CHAVE: Silviano Santiago; Literatura Comparada; ABRALIC.

ABSTRACT

This presentation in the form of an essay examines Silviano Santiago's contribution to Brazilian Comparative Literature by focusing on the ways his criticism reconfigures relations among texts, traditions, and cultures. From the essays of the 1970s to *Fisiologia da composição* and *Grafias de vida – a morte*, his critique of such notions as source, influence, imitation, dependence, and precedence reshapes both the direction and the terms of comparison. Retroaction, creative peripheral anachronism, supplementarity, and hospitality enable the later or peripheral text to act back upon what precedes it, altering the conditions under which earlier texts are read and challenging the assumption that chronological priority should determine the meaning and value of the relation. In dialogue with Eneida Maria de Souza, Sandra Nitrini, and other readers of Santiago, the article situates these questions within the formation and transformation of Comparative Literature in Brazil, with particular attention to the history of ABRALIC, to which Santiago's intellectual and institutional trajectory has long been connected, from his involvement in the Association's early years to his presidency and the Tânia Franco Carvalhal Award he received in 2023.

KEYWORDS: Silviano Santiago; Comparative Literature; ABRALIC.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260000

Em julho de 2023, durante o XVIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada, realizado em Salvador, Silviano Santiago recebeu o prêmio Tânia Franco Carvalhal, concedido pela ABRALIC em reconhecimento à sua contribuição para os estudos comparatistas. A homenagem reunia, numa mesma cena, diferentes momentos da história da Associação. O prêmio levava o nome de sua primeira presidente; Silviano, que estivera à frente da ABRALIC no biênio 1991-1992, voltava agora como homenageado a um congresso cujo título, *A Literatura Comparada e a invenção de um mundo comum*, recolocava, em outros termos, questões que atravessam sua obra desde os anos 1970 (Hoisel, 2023). Se a Literatura Comparada encontra nas relações entre textos, culturas e tradições uma de suas questões constitutivas, o que poderia significar, naquele momento, falar em um mundo comum? E que espécie de relação o comum deveria nomear para não se transformar novamente em medida de assimilação das diferenças?

A saudação de Evelina Hoisel a Silviano, na ocasião da entrega do prêmio, aproximava essas perguntas de um projeto crítico marcado, desde *Uma literatura nos trópicos*, pelo enfrentamento das hierarquias que organizavam as relações entre centro e periferia, original e cópia, modelo e derivação (Hoisel, 2023). Ao recuperar, em *Fisiologia da composição*, as figuras do hóspede e do hospedeiro, Hoisel encontrava na hospitalidade uma imagem capaz de pensar relações que supõem acolhimento e proximidade sem exigir que os termos envolvidos deixem de ser distintos. O "comum" deixava, assim, de remeter à reunião do semelhante para designar uma relação que precisa ser construída entre diferenças. A pergunta dirigida à obra de Silviano também se desloca, e os conceitos que sua crítica nomeou são mobilizados aqui pelo que modificam na maneira de estabelecer relações entre textos, tradições e culturas.

A imagem de um mundo comum poderia sugerir a busca de uma superfície compartilhada, de um terreno em que as diferenças se acomodassem até se tornarem conciliáveis. A proposta do congresso pensava o comum a partir da convivência entre singularidades que permanecem distintas, estabelecendo contatos, produzindo vizinhanças e deixando surgir das relações sentidos que não estavam dados de antemão (Hoisel, 2023). Comparar envolve também criar condições para esses encontros,

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260000

colocando textos, culturas ou sujeitos em relação sem submetê-los a uma medida comum previamente estabelecida e acompanhando os deslocamentos produzidos por esse contato.

Em *Fisiologia da composição* (2020), a hospitalidade "tem mão dupla": envolve tanto o gesto daquele que se aloja em espaço alheio quanto o daquele que o recebe e faz com que possa ali estar "como se estivesse em casa" (Santiago, 2020, p. 38). Hoisel (2023) encontra nessa imagem uma maneira de pensar um mundo compartilhado por diferentes terras e gentes, constituído por encontros, tensões, diálogos e formas de acolhimento que preservam a alteridade. Hospedar e ser hospedado implicam proximidade sem identidade: atravessar a fronteira de um espaço alheio não elimina a diferença entre hóspede e hospedeiro, mas modifica as condições em que ambos passam a se relacionar. Essa relação entre aproximação e diferença atravessa, sob formas diversas, os modos de comparar formulados por Silviano ao longo de sua obra.

A hospedagem retoma um problema muito anterior na obra de Silviano. Hospedar-se em um texto não equivale a reproduzi-lo, assim como receber uma tradição não significa conservar intacta a posição daquele que a recebe diante daquilo que veio antes. Ao discutir os procedimentos da composição literária, Silviano recoloca em questão as relações hierárquicas entre original e cópia, modelo e derivação, fonte e influência, mostrando como a repetição pode trazer consigo uma diferença e como aquilo que é recebido pode ser deslocado, suplementado e reinscrito em outra configuração**,** problema que reaparece explicitamente no campo metodológico da Literatura Comparada. Silviano propõe desconstruir sua "metodologia de leitura dominante" e recondicionar a cronologia histórica, admitindo um movimento "para a frente e também para trás" (Santiago, 2020, p. 35). A leitura produzida a partir da periferia não se esgota, assim, no reconhecimento do modelo metropolitano que a precede, pois aquilo que vem depois pode também modificar a leitura do que recebeu. Em outra passagem, a "imagem posterior (a periférica)" engloba a anterior e a excede por uma "diferença-para-mais" (Santiago, 2020, p. 109). A direção da comparação deixa, com isso, de ser única.

A questão atravessa momentos distintos da obra de Silviano: o que acontece com a própria comparação quando origem, influência, dívida ou filiação deixam de funcionar como princípios capazes de ordenar previamente as relações entre textos e culturas? Desde "O entre-lugar do discurso latino-americano", Silviano desloca as categorias de fonte e influência ao propor que a literatura latino-americana seja lida pelo trabalho que

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260000

realiza sobre os códigos recebidos, e não apenas pela identificação de suas dívidas com o modelo europeu (Santiago, 2000). Em "Apesar de dependente, universal", o problema é formulado diretamente em termos metodológicos. Silviano propõe questionar as "categorias fortes que servem de alicerce para a literatura comparada" e evitar que fonte e influência convertam dependência histórica em critério de valor (Santiago, 1982, p. 4). Apropriação, diferença, reescrita, suplemento e, mais tarde, hospitalidade passam a nomear operações distintas por meio das quais aquilo que chega depois, situa-se à margem ou recebe uma tradição, deixa de ocupar apenas a posição de derivação diante de um termo anterior.

Essas questões circularam também no processo de institucionalização da Literatura Comparada no Brasil. A crítica às hierarquias entre modelo e cópia, centro e periferia, originalidade e dependência, formulada por Silviano desde os anos 1970, ocorre num momento em que a Literatura Comparada amplia sua presença institucional no país, sobretudo a partir da expansão dos programas de pós-graduação e das pesquisas desenvolvidas na área (Nitrini, 2018, p. 13). A criação da ABRALIC, em 1986, durante o I Seminário Latino-Americano de Literatura Comparada realizado na UFRGS, deu forma associativa a uma comunidade de pesquisadores que vinha se ampliando e fortaleceu o diálogo entre universidades brasileiras e intelectuais latino-americanos (Nitrini, 2018, p. 21). Silviano participou dessa história desde os primeiros anos da Associação, integrou seu Conselho e, posteriormente, a presidiu, no biênio 1991-1992. Os debates desenvolvidos em congressos e publicações da ABRALIC colocariam em circulação, junto a outros projetos críticos, questões relativas à dependência, à diferença, aos limites disciplinares e aos modos pelos quais textos, tradições e culturas poderiam ser postos em relação.

O deslocamento da fonte à diferença

Se as figuras do hóspede e do hospedeiro permitem a Silviano Santiago, em *Fisiologia da composição*, retornar à questão de como uma obra recebe outra sem se limitar a reproduzi-la, o problema já estava colocado, em outros termos, desde o início dos anos 1970. "O entre-lugar do discurso latino-americano", escrito em 1971 e

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260000

posteriormente reunido em *Uma literatura nos trópicos*, parte da história da colonização para interrogar os mecanismos pelos quais a cultura europeia se institui como medida de valor no Novo Mundo (Santiago, 2000). Silviano acompanha a imposição dos códigos linguístico, religioso e cultural trazidos pelo colonizador sem separar esse processo de seus desdobramentos na literatura e na crítica. A destruição da unidade e da pureza que ele identifica como contribuição latino-americana à cultura ocidental não conduz, por isso, à reivindicação de uma origem anterior, autóctone e intocada, que pudesse ser recuperada após a experiência colonial. Depois que a invasão estrangeira já ocorreu, os códigos já se atravessaram, e é no interior dessa condição histórica que se abrem outras possibilidades de ação. A América Latina encontra seu lugar na cultura ocidental, escreve Silviano, por meio de um "movimento de desvio da norma, ativo e destruidor", capaz de transfigurar os elementos recebidos da Europa. Sua geografia seria, assim, simultaneamente de "assimilação e de agressividade, de aprendizagem e de reação, de falsa obediência" (Santiago, 2000, p. 16). A ambivalência dessas formulações impede que assimilação seja confundida com passividade, pois aquilo que foi recebido pode ser apropriado, deslocado e reinscrito. A alternativa ao domínio estrangeiro não consiste em imaginar que o estrangeiro possa ser simplesmente retirado de uma cultura que já ajudou a constituir, mas em agir sobre seus códigos e produzir diferença dentro deles, de modo que "Falar, escrever, significa: falar contra, escrever contra" (Santiago, 2000, p. 17). Da experiência colonial ao trabalho da escrita, o argumento alcança a própria prática comparatista.

A questão não está em decidir se o escritor latino-americano recebeu ou não a influência da cultura metropolitana. A circulação do repertório europeu e as relações históricas de dependência não são negadas; Silviano interroga o trabalho crítico que, diante dessa relação, transforma a anterioridade em princípio de ordenação e, a partir dela, em critério de valor. Depois de perguntar qual seria o lugar do intelectual diante de duas nações pertencentes à cultura ocidental, mas separadas por uma relação de poder econômico, ele se volta diretamente para o método que vinha orientando a leitura dessas obras (Santiago, 2000). Por que medir a originalidade de um texto pelas dívidas contraídas com o modelo importado? Por que fazer da identificação da fonte a finalidade da comparação, quando a nova obra pode ser lida também pelo que realiza com aquilo que recebeu? Como resposta, Silviano propõe "declarar a falência" desse método e substituí-

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260000

lo por um discurso crítico que abandone “a caça às fontes e às influências” e estabeleça “como único valor crítico a diferença” (Santiago, 2000, p. 19). O problema não reside na existência de relações anteriores entre as obras, mas na direção que a crítica lhes atribui e no modo como uma diferença histórica de posição passa a organizar antecipadamente a avaliação estética. A anterioridade cronológica passa a conferir autoridade ao primeiro texto, enquanto a dependência histórica do segundo acaba convertida em critério para sua avaliação.

A imagem da fonte como uma estrela “intangível e pura” expõe a hierarquia que Silviano pretende desmontar (Santiago, 2000, p. 18). Ela ilumina os artistas latino-americanos sem se deixar contaminar por eles. A obra latino-americana é lida a partir de sua aproximação ou de sua distância em relação à fonte, enquanto esta permanece intacta na posição de origem. O texto posterior pode aproximar-se da estrela, imitá-la, afastar-se dela ou contrair para com ela uma dívida, enquanto aquilo que ocupa a posição de origem permanece intacto, preservando o privilégio conferido por sua anterioridade. A metáfora espacial organiza também uma hierarquia temporal e valorativa. O texto primeiro ocupa a posição de original e autônomo, enquanto os que vêm depois são avaliados pela relação que mantêm com ele. Se a crítica deixa de perguntar apenas de onde veio determinado elemento e passa a observar o que o novo texto faz com aquilo que recebeu, a relação já não pode ser descrita somente como transmissão ou descendência. A anterioridade cronológica deixa de assegurar, por si só, uma posição de autoridade, e a diferença começa a ocupar o lugar que antes pertencia à fonte como princípio de leitura.

A leitura de “Pierre Menard, autor do Quixote”, de Borges, leva o problema para a própria prática da escrita. O segundo texto adquire interesse pelo trabalho que realiza sobre o primeiro. A assimilação pela leitura já constitui uma “práxis da escritura”, na qual o escritor se transforma em leitor e o leitor, em produtor. Ler significa também desarticular e rearticular o texto anterior, explorar suas lacunas e fazê-lo seguir em outra direção (Santiago, 2000, p. 25). O modelo permanece na relação, mas perde a prerrogativa de determinar sozinho o seu valor. A criação latino-americana passa a ser pensada como “uma escritura sobre outra escritura”, e sua originalidade se produz na transgressão, na reviravolta, naquilo que a repetição acrescenta ao texto que retoma (Santiago, 2000, p. 21). O conhecimento, como formula o próprio ensaio ao comentar Menard, passa a ser concebido como forma de produção: ler não significa apenas receber um texto, mas

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260000

submetê-lo a outra escolha, outra montagem, outra possibilidade de escritura. A conhecida passagem que encerra o ensaio conserva a tensão entre seus termos:

> Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão — ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu tempo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana (Santiago, 2000, p. 26).

O entre não designa uma posição equidistante entre dois polos nem uma conciliação final entre eles. A própria sequência conserva sacrifício e jogo, prisão e transgressão, assimilação e expressão em tensão: a transgressão depende da existência de um código sobre o qual agir, assim como a expressão se produz no interior daquilo que foi assimilado. O entre-lugar tampouco substitui a centralidade europeia por uma autossuficiência latino-americana; torna produtiva uma relação cuja assimetria histórica permanece, mas já não determina antecipadamente o valor dos textos que dela participam.

Eneida Maria de Souza (2020, p. 68) lê esse deslocamento pela montagem, pela anacronia e pela diferença. Em sua leitura, a ruptura com as noções de fonte e influência altera também a temporalidade da herança, porque as cadeias sucessivas de causa e efeito, anterioridade e posterioridade, próprias do pensamento hegemônico da influência, deixam de organizar de maneira rígida o encontro entre escritores, e aquele que recebe uma tradição pode tornar-se "contemporâneo de quem escolhe como parceiro" (Souza, 2020, p. 68). A diferença já não diz respeito apenas ao que o segundo texto faz com o primeiro, ela alcança também o modo como passado e presente podem ser postos em relação, e o texto posterior pode, então, reorganizar a leitura daquele que o precede e modificar retrospectivamente a tradição na qual ambos passam a ser lidos. Borges ocupa por isso um lugar central na leitura de Souza, pois a proposição segundo a qual cada escritor cria seus precursores rompe a direção única da influência e permite pensar a tradição como uma construção também retrospectiva. O passado não desaparece nem perde sua especificidade histórica, só muda a relação que o presente pode estabelecer com ele.

A partir daí, Eneida propõe a substituição das noções de filiação e paternidade pela de aliança: "a filiação, em resumo, responderia pela imitação e a identificação, ao passo que a aliança prescreveria a diferença e a alteridade" (Souza, 2020, p. 78). Sua leitura

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260000

encontra uma imagem concreta quando recupera a maneira como o próprio Silviano, muitos anos depois, narraria a gênese do entre-lugar. Ao recordar a presença simultânea de Borges e do pensamento francês em sua formação, ele recusa tanto "o lugar-comum dos nacionalismos brabos" quanto "o lugar-fetiche do aristocrata saber europeu" e afirma: "Fiquei com os dois e com a condição de viver e pensar os dois. Paradoxalmente" (Santiago, 2001, p. 434). Permanecer com ambos não significa conciliá-los ou encontrar um ponto neutro entre posições contrárias. É dessa convivência paradoxal, em que uma referência não precisa ser apagada para que a outra possa agir sobre ela, que Silviano faz derivar o entre-lugar e a solidariedade latino-americana.

O que em "O entre-lugar do discurso latino-americano" aparece sobretudo como ataque ao método das fontes e influências será retomado e explicitado alguns anos depois em "Apesar de dependente, universal". O ensaio percorre a experiência colonial, a imposição da história europeia como História universal e os processos de assimilação que transformam o outro em imagem do conquistador para chegar ao que Silviano apresenta como seu objetivo: "justificar o questionamento das categorias fortes que servem de alicerce para a literatura comparada" (Santiago, 1982, p. 4). A questão não se restringe ao reconhecimento da literatura brasileira ou latino-americana, mas envolve os próprios instrumentos pelos quais a Literatura Comparada produz conhecimento ao colocar em relação obras provenientes de posições históricas desiguais. Silviano reconhece a pertinência da perspectiva comparatista para o estudo da literatura brasileira, e entende que o problema surge quando ela conserva intocados os procedimentos que convertem a dependência histórica em hierarquia estética. Por isso, sua atenção se volta diretamente para o método:

> É preciso, pois, cuidado com o método, com a tática de abordagem dos objetos, em suma: com a estratégia de leitura dos textos afins. Caso nos restrinjamos a uma apreciação de nossa literatura, por exemplo, com a europeia, tomando como base os princípios etnocêntricos – fonte e influência – da literatura comparada, apenas insistiremos no seu lado dependente, nos aspectos repetitivos e redundantes (Santiago, 1982, p. 4).

Silviano identifica nesse modo de leitura duas formas de inferiorização da cultura dependente. A primeira é temporal, pois a situa como atrasada em relação à cultura dominante. A segunda é qualitativa, pois atribui aos seus produtos uma falta de originalidade. São as "duas decalagens capitais" de que fala o autor, "uma temporal (o

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260000

atraso de uma cultura com relação à outra) e uma qualitativa (a falta de originalidade nos produtos da cultura dominada)" (Santiago, 1982, p. 5). O método participa da hierarquia que pretende descrever, porque seleciona precisamente os elementos que permitem reconstruir a direção do centro para a periferia e transforma essa direção em escala de valor. É por isso que os três "antídotos" apresentados na sequência, a antropofagia cultural de Oswald de Andrade, a "traição da memória" de Mário de Andrade e o "corte radical" das vanguardas, não servem para negar a dependência. Silviano insiste que, em todos os três casos, "não se faz de conta que a dependência não existe" (Santiago, 1982, p. 4), nem se escamoteia a dívida em relação às culturas dominantes. O que se subverte são os critérios de "atraso" e "originalidade" pelos quais ela vinha sendo convertida automaticamente em inferioridade. A assimetria histórica permanece, mas dela já não decorre necessariamente uma escala estética igualmente assimétrica. O outro modo de comparar que começa a se delinear nesses ensaios parte da assimetria e recusa que ela determine antecipadamente o valor dos textos colocados em relação.

Na sequência, Silviano leva esse deslocamento ao próprio funcionamento da comparação. O questionamento das categorias de fonte e influência precisa ocorrer por uma força e um movimento "paradoxais", capazes de inaugurar um "processo tático e desconstrutor da literatura comparada" sempre que as obras em contraste escapem a um solo histórico e cultural homogêneo (Santiago, 1982, p. 6). A diferença deixa, então, de ser o resíduo que sobra depois de contabilizadas as semelhanças e passa a orientar a leitura. No exemplo de Eça de Queirós e Flaubert, não interessa prioritariamente registrar aquilo que *O primo Basílio* repete de *Madame Bovary*, mas aquilo que o texto dependente "consegue inaugurar" em sua relação com o modelo (Santiago, 1982, p. 6). O que aparecia como cópia passa a ser lido como campo de transformação. Se o texto periférico pode ser compreendido pelo que faz com o modelo, a comparação deixa de operar apenas da metrópole para a periferia. O segundo texto pode "retroagir" sobre o primeiro e submetê-lo a uma nova avaliação. Somente nesse movimento de ida e volta a universalidade da obra metropolitana deixa de funcionar como pressuposto e passa a ser efetivamente posta à prova. A retroação alcança também o estatuto do universal:

> Em contrapartida, fazendo o texto da cultura dominada retroagir sobre o texto da cultura dominante (inversão não tão gratuita da cronologia), consegue-se realmente que os textos da metrópole tenham também, de maneira concreta e pela primeira vez, uma avaliação real

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260000

> da sua universalidade. A universalidade só existe, para dizer a verdade, nesse processo de expansão em que respostas não-etnocêntricas são dadas aos valores da metrópole (Santiago, 1982, p. 6).

A universalidade já não precede a comparação como medida assegurada de antemão, precisa ser posta à prova na relação. A alternativa que o ensaio apresenta é que ou o universal permanece ligado à uniformização ocidental do mundo, produzida pela imposição da história europeia como História universal, ou se constitui como "jogo diferencial", no qual culturas situadas em posições econômicas desiguais entram em relação e tornam legíveis tanto as ações de dominação quanto as respostas produzidas a elas (Santiago, 1982, p. 6). Com isso, não basta que a comparação reconheça valor no termo periférico se aquele que funcionava como medida permanece fora do alcance da própria comparação. O texto da metrópole também passa a ser lido a partir da relação que estabelece com aquilo que antes aparecia apenas como dependente; sua pretensão de universalidade deixa de se confirmar por si mesma e passa a depender das respostas que recebe fora do espaço em que seus valores haviam sido constituídos.

O que está em questão nesses ensaios não é apenas o lugar concedido à literatura periférica numa relação cujos critérios permaneceriam os mesmos. Ao questionar fonte e influência, Silviano questiona também o que a comparação toma como anterior, original ou universal e, portanto, as condições a partir das quais uma relação entre textos pode ser estabelecida. O texto que chega depois pode alterar a leitura daquele que o precede, assim como a obra periférica pode devolver à metropolitana uma medida de sua pretendida universalidade. A assimetria histórica não desaparece, mas já não determina de antemão a direção da leitura nem o valor dos termos comparados. Se a questão alcança os critérios e procedimentos da Literatura Comparada, ela alcança também uma disciplina que, no Brasil, estava constituindo seus espaços institucionais e discutindo seus próprios limites. Quando a ABRALIC é criada, em 1986, esse debate já não se restringia às relações entre obras nacionais e estrangeiras ou à identificação de fontes e influências. A institucionalização do campo reuniu pesquisadores, tradições críticas e projetos distintos em torno de questões que envolviam também dependência, diferença, alteridade e relações interculturais. A presença de Silviano nos primeiros anos da Associação inscreve-se nessa história, num momento em que os próprios modos de comparar estavam em discussão.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260000

Quando outros modos de comparar encontram um campo em formação

Quando os ensaios de Silviano Santiago começam a circular, a Literatura Comparada no Brasil ainda não era um campo institucional consolidado, embora a prática comparatista já tivesse uma história nas universidades brasileiras. Sandra Nitrini situa a criação da disciplina em 1940, na PUC-Rio, e acompanha sua presença posterior em instituições públicas do Rio de Janeiro e de São Paulo, mas identifica nos anos 1970 seu grande momento de expansão, impulsionado sobretudo pelos programas de pós-graduação e por pesquisas desenvolvidas tanto no âmbito da Teoria Literária e Literatura Comparada quanto nas áreas de literaturas estrangeiras (Nitrini, 2018, p. 13). No mesmo período, "O entre-lugar do discurso latino-americano" e, alguns anos depois, "Apesar de dependente, universal" intervêm sobre categorias que ainda organizavam parte importante do repertório da disciplina, enquanto outras experiências críticas deslocavam a comparação da identificação de fontes e influências para problemas de intertextualidade, apropriação, recepção e transformação.

A memória da ABRALIC conserva uma imagem sugestiva desse momento: o cartaz, os folders e, depois, os Anais do seminário traziam um fragmento da cena canibalesca da *Revista de Antropofagia*. A imagem participa de um vocabulário crítico em circulação no qual a presença estrangeira já podia ser pensada pela incorporação, pela transformação e pela diferença. A antropofagia, que em "O entre-lugar" servira para pensar uma assimilação capaz de agir sobre aquilo que recebe, comparecia também no imaginário de uma associação que nascia voltada à comparação literária no Brasil. A coincidência é sobretudo histórica e registra um momento em que a linguagem da dívida e da dependência já dividia espaço com outras maneiras de pensar o contato entre tradições.

Os temas dos primeiros congressos registram essa abertura. Em 1988, o I Congresso, realizado na UFRGS sob a presidência de Tania Franco Carvalhal, adotou como tema *Intertextualidade e interdisciplinaridade*; em 1990, já sob a presidência de Eneida Maria de Souza, o II Congresso, na UFMG, escolheu *Literatura e memória cultural*. Em 1991 surgiu o primeiro número da *Revista Brasileira de Literatura*

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260000

Comparada e, no ano seguinte, durante a presidência de Silviano Santiago, o III Congresso, realizado na UFF, recebeu o título *Limites*; em 1994, na USP, seria a vez de *Literatura & diferença.* Intertextualidade, memória, limites e diferença não compõem um programa homogêneo, nem precisam ser lidos como etapas sucessivas de uma mesma orientação teórica. Reunidos, porém, esses temas mostram que a consolidação institucional da Literatura Comparada no Brasil convivia com perguntas sobre o que podia ser comparado, a partir de quais relações e até onde se estendiam as fronteiras da disciplina.

Ao recordar o período em que foi aluna e orientanda de Silviano na PUC-Rio, entre 1975 e 1979, Evelina Hoisel descreve suas aulas e os ensaios então ainda mimeografados como parte de uma "virada epistemológica" que começava a alcançar os programas de pós-graduação em Letras e Ciências Humanas e que mais tarde reapareceria nos "dissonantes debates" da ABRALIC nos anos 1980 e 1990 (Hoisel, 2023). Para Hoisel, a publicação de *Uma literatura nos trópicos*, em 1978, participa de um momento de transição nos estudos literários, associado à passagem da crítica literária para a crítica cultural e ao deslocamento da crítica sociológica para uma perspectiva antropológica. As questões trabalhadas por Silviano não permanecem, nessa narrativa, confinadas aos ensaios: entram nas salas de aula, participam da formação de pesquisadores e reaparecem, confrontadas com outras perspectivas, no espaço institucional da Associação. Hoisel situa essa experiência num processo mais amplo de revaloração cultural, descentramento, desconstrução e emergência de minorias étnicas e de gênero, em que a transitividade da literatura favorecia conexões entre o literário e outros discursos da cultura. A transformação do comparatismo passava também por uma revisão das fronteiras de seu próprio objeto.

Durante a presidência de Silviano na ABRALIC, entre 1991 e 1992, o III Congresso, realizado em Niterói, escolheu o tema *Limites*, e a nota dos Anais associa o título ao avanço da interdisciplinaridade, da intertextualidade e da intercomunicação entre diferentes discursos artísticos. A criação da *Revista Brasileira de Literatura Comparada* acrescentou a esse processo um espaço regular de publicação e debate. Seu primeiro número, publicado em 1991, reuniu textos de Tania Franco Carvalhal, Eneida Maria de Souza, Silviano Santiago, Luiz Costa Lima, Raúl Antelo e outros pesquisadores. "Modernidade e tradição popular", de Silviano, aparece ao lado de trabalhos sobre

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260000

interdisciplinaridade, identidade cultural, antropofagia, construção do outro e transnacionalização. Anos depois, ao examinar o que chama de "discurso comparatista brasileiro", Nitrini situa o entre-lugar ao lado da antropofagia, da transculturação e de conceitos como heterogeneidade, crioulização, hibridismo e mestiçagem. São conceitos, observa a autora, elaborados em espaços acadêmicos e intelectuais não hegemônicos e mobilizados para compreender relações entre culturas, especialmente entre ex-colônias e ex-metrópoles (Nitrini, 2018, p. 30). O entre-lugar aparece, nessa história, entre os conceitos que o comparatismo brasileiro incorporou para tratar das relações assimétricas entre culturas.

Os congressos seguintes mostram que a própria definição da área permanecia em discussão. Em 1994, *Literatura & diferença* colocava em primeiro plano o descentramento da perspectiva e as relações entre o regional, o nacional e o supranacional. Em 1996, *Cânones e contextos* trazia para o debate a tensão entre a centralidade da literatura e a abertura para enfoques culturais. Dois anos depois, *Literatura Comparada = Estudos Culturais?* fazia dessa questão o próprio tema do congresso. A consolidação institucional da Literatura Comparada não encerrava, portanto, a discussão sobre seus objetos e limites. É também nesse campo em transformação que a obra de Silviano continua a ser lida e reelaborada. Questões formuladas em seus ensaios dos anos 1970, como a crítica à origem e à influência, a diferença produzida pelo texto posterior e sua capacidade de retroagir sobre o primeiro, encontravam agora um campo em que intertextualidade, memória, diferença, cânone e cultura participavam da discussão sobre o que e como comparar.

Reformulações da prática comparatista: anacronia, suplemento e hospitalidade

Quase cinquenta anos depois de "O entre-lugar do discurso latino-americano", *Fisiologia da composição* retoma esse problema e o formula diretamente no âmbito da metodologia comparatista. Silviano fala agora na necessidade de "recondicionar a cronologia histórica" e chama de "anacronismo criativo e periférico" o movimento que permite ler a história também para trás (Santiago, 2020, p. 35). A suplementaridade, a

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260000

hospedagem e a composição vêm se juntar a esse vocabulário, dando continuidade à revisão das categorias com que a Literatura Comparada havia pensado as relações entre obras produzidas em condições históricas desiguais. Em *Fisiologia*, essa revisão alcança explicitamente o próprio modo de ler. Silviano escreve:

> Uma nova metodologia de leitura da literatura brasileira teria necessariamente de desconstruir a metodologia de leitura dominante na literatura comparada a fim de dar conta dos valores de cópia e de contribuição, reconhecendo, ainda, os princípios de originalidade em cópia inevitável. A desconstrução teria de recondicionar a cronologia histórica, acreditando que a dita evolução literária se dá em movimento para a frente e também para trás. Há um novo valor, o anacronismo criativo e periférico, que é impossível de ser compreendido na radicalidade evolutiva da historiografia iluminista, a não ser pela retomada do exigente conceito de suplementariedade (a não ser confundido com complementariedade) exposto por Jacques Derrida na crítica aos efeitos da autocentragem europeia na constituição e análise dos objetos do saber (Santiago, 2020, p. 35).

Cópia, originalidade, contribuição, cronologia e centralidade europeia reaparecem aqui ligadas à exigência de "recondicionar" a temporalidade da história literária. Se a evolução se move "para a frente e também para trás", a obra posterior deixa de ocupar apenas o lugar de consequência e passa a interferir na leitura daquilo que a precede. O anacronismo não designa, nesse caso, um erro cronológico a ser corrigido, mas um valor produzido pela leitura periférica. A retroação que "Apesar de dependente, universal" já dirigia do texto dominado ao dominante reaparece em *Fisiologia da composição* incorporada à própria metodologia comparatista. A obra periférica, "sempre tardia do ponto de vista da cronologia linear", pode retroagir em direção à imagem-motor do novo trabalho "a fim de iluminá-la melhor" (Santiago, 2020, p. 109). Silviano leva essa retroação diretamente ao problema comparatista:

> a imagem posterior (a periférica) engloba a anterior (a metropolitana) e a excede pelo tom valorativo suplementar. A genialidade da escrita literária machadiana está na diferença-para-mais que se acresce a uma qualidade europeia. Nossa metodologia em literatura comparada parte desse fato, negligenciado pelas metodologias metropolitanas ou eurocêntricas de leitura (Santiago, 2020, p. 109).

A imagem posterior contém algo da anterior sem se esgotar nela, e é nesse excedente que Silviano situa o "tom valorativo suplementar" da obra periférica. Aquilo que foi recebido permanece reconhecível, mas já não basta para determinar o valor do

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260000

novo texto porque a retomada acrescenta uma "diferença-para-mais" que modifica também a leitura da imagem anterior. A distinção entre suplementaridade e complementaridade passa por esse movimento. Se a complementaridade mantém a relação organizada a partir do que já estava dado, o suplemento introduz um acréscimo que não se deixa reduzir ao modelo e que, ao mesmo tempo, interfere na maneira como esse modelo pode ser lido. A comparação já não se detém na identificação da dívida ou daquilo que o texto periférico recebeu porque precisa considerar também o que ele produz ao retomar e exceder a obra que o precede. Suplementaridade e anacronismo se encontram nessa possibilidade de fazer a leitura percorrer a relação nos dois sentidos. O movimento "para a frente e também para trás" (Santiago, 2020, p. 35) não desfaz a sucessão histórica entre as obras, mas impede que a cronologia determine por si mesma a direção e o valor da comparação. O "anacronismo criativo e periférico" nomeia, assim, uma leitura que parte dessa posição tardia sem convertê-la em deficiência e faz da posterioridade uma condição para rever também o que havia sido colocado antes dela.

Ao reconstruir sua formação e sua aproximação com a Literatura Comparada, Silviano afirma que, "para ir até à origem", precisava "abandonar o campo adjetivo em que a literatura nacional foi inserida" e entrar por "uma literatura comparada também pós-colonial". Isso implicava, em suas palavras, "constituir as bases de uma disciplina acadêmica que recusaria adotar o centramento europeu" como forma de organizar e qualificar a produção literária das metrópoles e sua disseminação nos países coloniais (Santiago, 2023, s. p.)[1]. Lida ao lado desse depoimento, a "nova metodologia" proposta em *Fisiologia da composição* não se restringe ao caso de Machado. Ela prolonga uma questão que Silviano associa à própria constituição de uma prática comparatista pós-colonial, interessada em rever os critérios pelos quais obras produzidas fora dos centros metropolitanos foram historicamente relacionadas e valoradas.

Em *Fisiologia da composição*, a hospedagem oferece outro modo de descrever a presença de uma obra em outra. A fórmula "Cópia sim (sílabas e palavras alheias), cópia não (sentidos novos)" (Santiago, 2020, p. 38) mantém juntas repetição e transformação

[1] O depoimento foi originalmente apresentado por Silviano Santiago na Universidad Nacional Tres de Febrero, em Buenos Aires, em 2014, por ocasião do recebimento do título de Doutor Honoris Causa. Posteriormente, foi publicado em *Um livro para Silviano Santiago:* entre-lugares críticos e literários (2020, p. 31–51). Utilizamos neste artigo a versão integral disponibilizada em 2023 pelo *Outras Palavras*, razão pela qual as citações são indicadas como s. p.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260000

sem fazer da primeira simples reprodução. Na mesma página, Silviano afirma que "a hospitalidade tem mão dupla" e aproxima o texto-autor-hóspede daquele que o recebe, o texto-autor-hospedeiro. Aquele que chega ocupa um espaço que não é originalmente seu, mas tampouco permanece exterior a ele. Hospedado, passa a participar da nova composição, na qual as "sílabas e palavras alheias" podem produzir "sentidos novos". A imagem permite, desse modo, rever também a dívida que organizava a relação entre a obra posterior e aquela que a precedia, pois a presença do texto recebido não basta para explicar aquilo que se produz no lugar que o acolhe. Evelina Hoisel chama atenção para esse aspecto ao relacionar as figuras do hóspede e do hospedeiro à revisão das noções de dívida, influência e contribuição. Em sua homenagem a Silviano, a autora leva ainda a hospitalidade para a discussão de um mundo comum, aproximando o gesto de acolher da possibilidade de convivência entre diferentes terras e gentes. A passagem não apaga a tensão contida na imagem. O hóspede não se torna o hospedeiro, assim como o hospedeiro não permanece indiferente à presença daquele que o recebeu. A "mão dupla" impede que a hospitalidade seja confundida com a assimilação de um pelo outro e permite que Hoisel pense o mundo comum a partir de encontros nos quais acolhimento, tensão, complexidade e paradoxo permanecem juntos.

A antropofagia acentuava a digestão, a incorporação e a agressão ao modelo, enquanto a hospitalidade põe em primeiro plano a entrada do outro, sua acolhida e as relações produzidas por essa presença. As duas imagens interrogam o que acontece quando algo vindo de fora entra em outro espaço e passa a participar dele. Quase cinco décadas separam "O entre-lugar do discurso latino-americano" de *Fisiologia da composição*, no qual esse problema reaparece ligado à própria metodologia da Literatura Comparada. A imagem periférica recebe a metropolitana, incorpora-a e a excede por um suplemento de valor. Na apresentação do número da *Aletria* dedicado aos quarenta anos de *Uma literatura nos trópicos*, Souza, Botelho e Prado (2020, p. 11) observam que, embora a tópica da "dependência cultural" possa hoje parecer datada, "os problemas que ela colocava permanecem, em grande medida, em aberto", uma vez que a globalização não produziu relações "multicêntricas ou mais equitativas" e as trocas culturais continuam marcadas por assimetrias e pela "recriação de hierarquias de vários tipos". Além disso, sua atualidade estaria também na maneira como Silviano constrói a

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260000

abordagem e a análise, num "cerrado e criativo corpo-a-corpo com a literatura e com as outras linguagens artísticas e manifestações culturais".

Ao longo dessas décadas, Silviano retorna a problemas que já estavam presentes nos primeiros ensaios, mas o faz a partir de um pensamento que também se modifica. Fonte, influência, precedência, dependência, centro e periferia não desaparecem quando entram em cena outras questões, como inserção, anacronismo, suplemento e hospitalidade.

As categorias anteriores permanecem disponíveis à releitura e podem adquirir outras relações quando confrontadas com aquilo que veio depois. Também a Literatura Comparada brasileira atravessa, nesse período, um processo de institucionalização e transformação de seus objetos, métodos e referências teóricas. A relação entre esses movimentos não se reduz a uma coincidência cronológica. Silviano participa dessa história, intervém em seus debates e volta às próprias questões quando o campo crítico já dispõe de outros problemas e instrumentos para formulá-las. A obra posterior pode, assim, alterar a leitura da anterior, ao mesmo tempo que os problemas formulados nos primeiros ensaios continuam agindo sobre aquilo que será pensado depois. A leitura "para a frente e também para trás", proposta em *Fisiologia da composição*, encontra na própria trajetória de Silviano uma história de retomadas que não obedecem a uma sucessão simplesmente evolutiva.

Essa constante reelaboração das reflexões propostas pelo autor nos anos 1970 a partir dos desafios que a contemporaneidade nos oferece é, portanto, marca recorrente do trabalho teórico-crítico – e também literário – de Silviano. Em constante atualização, o escritor-ensaísta alimenta-se continuamente de teorias e obras artísticas que o impulsionam a produzir novos conceitos para lidar com uma realidade brasileira e internacional em frenética mutação. Como exemplo, cite-se a noção de "cosmopolitismo do pobre" – desenvolvida em texto publicado em 2002 na Revista *Margens/Margenes* e posteriormente inserido na coletânea homônima lançada em 2004 pela Editora UFMG –, a partir da qual se discute a limitação da hegemônica ideia de multiculturalismo produzida pelas elites intelectuais brasileiras para construir imaginariamente uma visão homogênea de Nação. Apontando o quanto nesse tipo de multiculturalismo "as diferenças étnicas, econômicas, linguísticas e religiosas, raízes de conflitos intestinos ou de possíveis conflitos no futuro, foram escamoteadas a favor de um *todo* nacional íntegro" (Santiago,

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260000

2002, p.10), o ensaio evidencia que, em tempos de acelerada globalização, são perceptíveis os efeitos que os fluxos econômicos, culturais e comunicacionais – sejam eles inerentes a circunstâncias possibilitadas pelas novas tecnologias, pelas crescentes ondas migratórias, ou pela intensificação dos contatos entre viajantes, artistas e intelectuais de diferentes países – produzem nas formas contemporâneas de pertencimento, identidade e participação cultural. Indo adiante, ao propor o conceito de cosmopolitismo do pobre, Silviano põe em xeque a ideia corrente de que a tradicional concepção de cosmopolitismo está ligada à circulação internacional e à riqueza, voltando o olhar para as vivências de pessoas que, mesmo integradas aos fluxos transnacionais, continuam marcadas pela precariedade e pela exclusão. Com isso, sua análise abre novamente caminho para uma crítica dos limites de uma noção de universalidade que, tanto no passado quanto no presente, embora pareça promover a integração local ou global, mantém intactas as hierarquias entre indivíduos, culturas e nações. Lido à luz dos debates contemporâneos sobre cidadania, mobilidade e diferença cultural, o ensaio também deixa ver que uma sociedade realmente cosmopolita não se constrói apenas com o aumento das trocas internacionais nem com o elogio da diversidade. Para isso, é necessário confrontar as estruturas que repartem de modo desigual o direito de circular, de participar e de se expressar culturalmente. Assim, a perspectiva de Santiago oferece um horizonte crítico para se pensar uma universalidade que não equivalha à difusão de valores estabelecidos pelos centros hegemônicos, e que surja, ao contrário, do reconhecimento das diferenças e da mudança das condições que geram a exclusão.

Podemos também associar a noção de cosmopolitismo do pobre à reflexão desenvolvida por Silviano no artigo “Anatomia da formação: a literatura brasileira à luz do pós-colonialismo”, no qual o autor dá seguimento a uma reflexão iniciada em sua coluna no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 2012, propondo a superação do paradigma da formação da literatura brasileira pelo da sua inserção no circuito internacional. O texto, no qual se defende o esgotamento do conceito de formação, desenvolvido por Antonio Candido, é publicado na *Folha de S. Paulo* em 2014, e dele se apreende que o romântico modelo arbóreo do crítico paulista não se sustentaria mais em um contexto em que a nação já se autonomizara e os processos políticos, econômicos e culturais passam a ser marcados pelo impulso da globalização. No artigo, de caráter bastante autobiográfico, Santiago não aprofunda o que entende por paradigma da inserção, mas deixa claro que a emancipação

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260000

da jovem nação já seria um fato dado, cabendo-lhe a partir de então, assumir uma perspectiva que o habilite a "tomar assento no plenário do planeta" (Santiago, 2014). Em entrevista concedida ao Portal da UFMG, em 2015, o crítico desenvolve um pouco mais essa ideia, que teria sido inspirada pela defesa feita por Hélio Oiticica, no texto "Brasil diarreia", da necessidade de inserção de uma linguagem-Brasil no mundo, ressaltando, contudo, a dificuldade de se colocar em prática essa proposta.

Ainda que Santiago não tenha desenvolvido mais profundamente esse insight, está claro que ele busca subverter a visão iluminista por tanto tempo hegemônica que atrela o desenvolvimento dos países colonizados ao modelo europeu, abrindo caminho para uma universalidade diferencial, que, como nos lembra Maurício Hoelz, "não implica identidade, hierarquia e unidade centralizada, mas abertura às multiplicidades, entendidas como redes de diferenças em processo, num mundo multilateral sem centro ou origem, em que os modos de ser não se subordinam a uma unidade transcendente" (Hoelz, 2025). Dessa perspectiva, a ideia de cosmopolitismo deve atender à construção de uma sociedade multipolar inclusiva, buscando responder aos anseios de sujeitos políticos subalternizados, e questionar as noções cristalizadas de nação e de democracia republicana.

Apesar da aludida dificuldade exposta por Silviano de se colocar em prática esse paradigma da inserção, talvez seja viável se pensar que, diante do *spatial turn* vivenciado na atualidade, um dos caminhos possíveis para isso possa ser justamente o de se compreender a mencionada linguagem-Brasil como algo que só adquire valor, na atualidade, se correlacionada ao impulso de criação de uma "cidadania global". Trata-se, portanto, de um engajamento ético-político-cultural que participa da criação de um mundo comum, em um processo que articula questões de âmbito local a um projeto global de radicalização da democracia.

No percurso analítico aqui traçado, buscamos descrever um dispositivo desenvolvido pelas reflexões de Silviano Santiago no qual seria possível reconhecer uma espécie de autoantropofagia crítica. A imagem supõe que um pensamento possa incorporar suas próprias formulações anteriores ao retomá-las em novas condições de leitura. Se a antropofagia permitiu a Silviano pensar a apropriação como transformação daquilo que se recebe, algo semelhante ocorre quando sua obra volta sobre o próprio repertório e quando a Literatura Comparada relê textos, categorias e procedimentos que

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260000

já fazem parte de sua história. O que veio antes participa da produção do que vem depois, ao mesmo tempo que as formulações posteriores modificam as relações pelas quais o anterior pode ser lido. Entre-lugar, dependência e antropofagia são relidos depois da inserção, do suplemento, do anacronismo, da hospitalidade, do cosmopolitismo, que também carregam questões formuladas desde os primeiros ensaios. Há acumulação, mas há também transformação. A cada retorno, o repertório anterior passa a integrar outras relações, e a própria leitura se acrescenta à história sobre a qual as leituras seguintes irão trabalhar. Nessa autoantropofagia crítica, o pensamento volta à própria história, incorpora o que já havia produzido e o transforma à luz de novas questões.

Em perfeita sintonia com esse movimento, em *Grafias de vida – a morte* (2023), Silviano mais uma vez retoma, devora e amplia ideias já trabalhadas poucos anos antes em *Fisiologia da composição*. Nos dois livros, Silviano aproxima a vida – especialmente o corpo e a experiência do autor – dos modos como uma obra é escrita, sem reduzir o texto a um simples reflexo biográfico. A diferença, no entanto, é principalmente de foco: enquanto *Fisiologia* examina mais diretamente os processos de composição literária em Machado de Assis e Graciliano Ramos, *Grafias* desenvolve e aprofunda a noção de "grafia de vida" em ensaios mais variados, voltando ao livro anterior, mas também oferecendo novas lentes para lê-lo. O avanço principal de *Grafias de vida – a morte,* nesse sentido, não é abandonar *Fisiologia da composição*, mas tornar mais explícita e abrangente uma questão que já estava ali: como a vida do escritor deixa marcas na escrita e, por outro lado, como a escrita também inventa ou transforma essa vida. Assim, além de uma abertura do repertório de autores já abordados antes, o segundo livro trata autobiografia, biografia, ficção e crítica como formas que se cruzam, em vez de separar rigidamente a vida do autor e sua obra. Há ali, ainda, um peso notavelmente maior atribuído a temas como envelhecimento, memória e finitude, que faz com que se tornem eixos mais explícitos na organização do livro. E, não por acaso, nesses ensaios fica ainda mais visível o trânsito entre reflexão crítica e narração, marca forte do método de Silviano. *Grafias,* portanto*,* funciona menos como uma continuação direta e mais como uma *ampliação retrospectiva*: retoma *Fisiologia* e ajuda a enxergar a "grafia de vida" como um princípio mais complexo e denso que atravessa todo um conjunto de ensaios e ficções do autor.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260000

Se os textos mudam quando entram em outras relações, também muda a posição de quem os lê. Nenhuma leitura esgota as relações de que um texto participa, e a própria Literatura Comparada tampouco se deixa definir por um conjunto estável de objetos ou procedimentos. Afinal, quando o comparatista escolhe uma dessas relações, não descobre a relação definitiva ou mais verdadeira de um texto. Escolhe uma entrada e vê o que ela permite perceber. Outras relações continuam possíveis e, com elas, mudam também as perguntas dirigidas aos textos e o lugar a partir do qual são formuladas. O entre-lugar já não chega até nós no horizonte crítico em que foi proposto em 1971. Entre aquele momento e o presente, o comparatismo brasileiro incorporou debates sobre assimetria cultural, pós-colonialidade, gênero, raça, tradução, mídia, memória e outras formas de relação que modificaram seus objetos e seus modos de leitura. Esta releitura passa a fazer parte da própria história que procura reconstruir. Nessa história, a participação de Silviano Santiago, amplificando esses debates e contribuindo na consolidação da Literatura Comparada, é incontestável.

A história de uma disciplina também se organiza por escolhas de leitura, aproximações, esquecimentos, retornos e disputas sobre os objetos e os critérios que passam a fazer parte de sua história. A trajetória do comparatismo entre nós é feita também de heranças recebidas, deslocadas e reinscritas, de modos de leitura alterados pelo confronto com outros lugares, outros objetos e outras experiências. Contar essa história no presente significa também voltar a categorias que já pareceram naturais, aos debates que as colocaram em questão e às novas relações que se tornaram possíveis a partir deles.

A homenagem prestada a Silviano em Salvador, em 2023, inscrevia essa questão também na história recente da Associação. Ao receber o prêmio Tânia Franco Carvalhal durante o congresso *A Literatura Comparada e a invenção de um mundo comum*, o autor era reconhecido num momento em que a própria Associação discutia as condições de convivência entre diferenças. Em 2026, quarenta anos depois da criação da ABRALIC, coincidentemente Silviano Santiago completa 90 anos e sua obra permanece nessa história porque continua a deslocar o lugar de onde ela pode ser contada. Esse é o sentido que orienta os textos selecionados para compor este dossiê em sua homenagem. Nele, incorporamos leituras de sua obra teórico-crítica-literária que demonstram o vigor de um pensamento que se faz em constante movimento.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260000

Iniciando pela análise do percurso traçado que relê algumas das contribuições oferecidas por Silviano para o campo da Literatura Comparada, os outros 11 textos que compõem o dossiê foram organizados em quatro movimentos, que acompanham, sem rigidez cronológica, as faces de uma obra em que crítica, ficção, docência e vida não se separam. O primeiro trata da formação: os anos de aprendizagem de Silviano Santiago em Minas Gerais e o magistério que, a partir de 1975, formou gerações de leitores. Nesse eixo, estão incluídos os artigos seguintes: "Um menino no meio da rua", de Ivete Walty e "Força de aula", de Luiz Fernando Medeiros. O segundo reúne os artigos dedicados a seu pensamento crítico, do debate da formação ao entre-lugar e à sua circulação no campo pós-colonial. A esse segundo movimento pertencem os textos "Silviano Santiago e o debate da formação", de Ana Karla Canarinos, "Silviano Santiago, autor de Homi K. Bhabha", de autoria de Edgar Cézar Nolasco, "O entrelugar e as memórias interculturais entrelaçadas", de Maged Talaat Mohamed Ahmed Elgebaly, além de "Silviano Santiago: crítica, literatura e o Brasil negro", de Roniere Silva Menezes. O terceiro grupo de artigos se volta para a ficção, em especial para *Machado* e *Mil rosas roubadas,* é composto pelos textos "Machado versus Machado: Silviano Santiago e a arte da sobrevivência", de Marcelo Pen Parreira, "Los fantasmas de Iago: celos y creación literaria en *Machado*, de Silviano Santiago", assinado por Mónica González García e se encerra com "O jardim das rosas roubadas", de Cássia Lopes. O último eixo trata da consagração da obra e da escrita de sua vida e é composto por "Accumulating literary prestige in the careers of Chico Buarque and Silviano Santiago", de Krista Brune e por "Presentes de uma vida escrita: a respeito de um ensaio biográfico sobre Silviano Santiago", de autoria de Cristiane Brasileiro. De um movimento a outro, os textos se respondem: conceitos que um artigo formula reaparecem em outro como instrumento de leitura, e é esse diálogo que faz jus à vitalidade do pensamento de nosso homenageado.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260000

REFERÊNCIAS

HOELZ, Maurício. Glossário Silviano Santiago | Inserção. *BVPS: Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social*, 18 set. 2025. Disponível em: https://blogbvps.com/2025/09/18/glossario-silviano-santiago-insercao-por-mauricio-hoelz/. Acesso em 20 jul. 2026.

HOISEL, Evelina. Homenagem a Silviano Santiago. *Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social – BVPS*, coluna Palavra Crítica, 1 ago. 2023. Disponível em: https://blogbvps.com/2023/08/01/coluna-palavra-critica-homenagem-a-silviano-santiago-por-evelina-hoisel/. Acesso em: 20 jul. 2026.

NITRINI, Sandra. *Um olhar sobre a literatura comparada no Brasil*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo; Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2018. 58 p. (Cadernos do IEB, 10). DOI: 10.11606/9788586748141.

SANTIAGO, Silviano. Apesar de dependente, universal. In: SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 13–24.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 9–26.

SANTIAGO, Silviano. Borges. In: SCHWARTZ, Jorge (coord.). *Borges no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP; Imprensa Oficial do Estado; Fapesp, 2001. p. 433–434.

SANTIAGO, Silviano. O cosmopolitismo do pobre. *Margens/Margenes,* Belo Horizonte, Buenos Aires, Mar del Plata, Salvador, n. 2, 2002, p. 4-13. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/margens_margenes/article/view/10779. Acesso em: 20 jul. 2026.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260000

SANTIAGO, Silviano. O cosmopolitismo do pobre. *In*: *O cosmopolitismo do pobre*: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004. p. 45-63.

SANTIAGO, Silviano. (2012) Formação e inserção. *Estadão,* 26 de maio de 2012. Disponível em: https://www.estadao.com.br/amp/cultura/formacao-e-insercao-imp. Acesso em: 01 jul. 2026.

SANTIAGO, Silviano. Anatomia da formação: a literatura brasileira à luz do pós-colonialismo. São Paulo, *Folha de S. Paulo*, São Paulo, n. 31.203, 7 set. 2014. Caderno Ilustríssima, p. 4-5. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/184397-anatomia-da-formacao.shtml?origin=folha. Acesso em: 20 jul. 2026.

SANTIAGO, Silviano. A literatura brasileira precisa superar o paradigma da formação e entrar no da inserção. Entrevistador: Ewerton Martins Ribeiro. *Portal UFMG*, Belo Horizonte, 10 mar. 2015. Disponível em: https://www.ufmg.br/online/arquivos/037483.shtml. Acesso em: 20 jul. 2026.

SANTIAGO, Silviano. *Fisiologia da composição*: gênese da obra literária e criação em Graciliano Ramos e Machado de Assis. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2020.

SANTIAGO, Silviano. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial. *Outras Palavras*, 8 nov. 2023. Disponível em: https://outraspalavras.net/poeticas/a-literatura-brasileira-da-perspectiva-pos-colonial/. Acesso em: 20 jul. 2026.

SANTIAGO, Silviano. *Grafias de vida - a morte.* São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

SOUZA, Eneida Maria de. Silviano, autor de Derrida. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, v. 30, n. 1, p. 65–81, 2020. DOI: 10.17851/2317-2096.30.1.65-81.

SOUZA, Eneida Maria de; BOTELHO, André; PRADO, Rafael Lovisi. Silviano Santiago no entre-lugar. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, v. 30, n. 1, p. 11–14, 2020. DOI: 10.17851/2317-2096.30.1.11-14.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença Creative Commons CC-BY.
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.